

# Plantas medicinais do Município de Dom Pedro de Alcântara, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil: espécies, famílias e usos em três grupos da população humana<sup>1</sup>

Marodin, Silvia M.<sup>2,3</sup> e Baptista, Luís R. de M.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Departamento de Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Av. Paulo Gama, s/nº, Porto Alegre – RS, CEP 90040-060, <sup>3</sup> E-mail: smmarodin@cpovo.net

**RESUMO:** Foram obtidos dados referentes às espécies, famílias e usos de plantas utilizadas como medicinais em amostras da população do Município de Dom Pedro de Alcântara (Estado do Rio Grande do Sul). Estas correspondem a três grupos distintos de informantes, mulheres das áreas urbana (amostra 1) e rural (amostra 2), e um grupo de mulheres que mantêm uma farmácia caseira (amostra 3). Os dados obtidos a partir das entrevistas foram comparados entre os três grupos pesquisados no Município (amostras 1, 2 e 3). As amostras das áreas urbana e rural são mais semelhantes entre si, quanto às espécies presentes. As famílias Asteraceae e Lamiaceae foram igualmente as mais citadas. Há concordância entre as amostras da área urbana e rural em relação aos usos que apresentam um maior número de espécies.

**Palavras-chave:** plantas medicinais, população, Asteraceae, Lamiaceae.

**ABSTRACT:** Medicinal plants in Dom Pedro de Alcântara municipality, Rio Grande do Sul, Brazil: species, families and uses in three different groups of the human population. Data were obtained on the species, families and uses of plants applied as medicinal in samples from the population of Dom Pedro de Alcântara municipality (State of Rio Grande do Sul). These samples are represented by three distinct informing groups which were: women from the urban area (sample 1), women from the countryside (sample 2), and women who produce remedies from plants (sample 3). The data obtained from interviews were compared among the above mentioned groups in the municipality (samples 1, 2 and 3). The samples from the urban area and the countryside are more similar in relation to the species present. Asteraceae and Lamiaceae were the most cited. There is agreement between the samples from urban and rural origin in relation to the uses which present the larger number of species.

**Key words:** medicinal plants, population, Asteraceae, Lamiaceae.

## INTRODUÇÃO

A medicina tradicional teve seu início antes do desenvolvimento e divulgação da medicina moderna (Akerlele, 1988). Atualmente esta prática milenar tem encontrado espaço destacado, tendo como algumas das causas, os crescentes aumentos dos preços dos medicamentos alopáticos, inacessíveis à maioria da população, bem como os inúmeros efeitos colaterais destes (Mors, 1982; Schenkel *et al.*, 1985). Também as circunstâncias locais, tais como traços culturais, grau de desenvolvimento econômico, sistema político e práticas nacionais, estão inseridas na medicina tradicional (Akerlele, 1984).

O resgate cultural, através de registros e documentação do conhecimento tradicional, incluindo as informações dos usos empíricos das plantas, é indispensável, por estarem as mesmas sob o risco de desaparecimento (Caballero, 1987) e também porque os sistemas de saúde populares, por razões históricas, encontram-se marginalizados pelos sistemas oficiais de saúde em muitos países (Argüello, 1994).

Somente um trabalho de campo intenso salvará as informações etnofarmacológicas do

desaparecimento e as etapas botânicas e etnobotânicas são as primeiras que devem ser alcançadas, pois elas são as mais urgentes para a preservação destas informações (Schultes, 1987).

Para o Estado do Rio Grande do Sul foram realizados alguns trabalhos sobre plantas utilizadas na medicina tradicional (D'Ávila, 1910; Lutzenberger, 1985; Simões *et al.*, 1990; Simões *et al.*, 1995; Kubo, 1997; Magalhães, 1997), elaboração de um atlas farmacognóstico (Alice *et al.*, 1995), estudo etnobotânico da família Lamiaceae (Souza, 1997) e seleção de espécies com potencial anticarcinogênico a partir de informações populares sobre plantas medicinais (Santos, 1998).

Este trabalho foi parcialmente extraído de uma dissertação (Marodin, 2000), que abordou diversos aspectos do conhecimento sobre plantas medicinais no Município de Dom Pedro de Alcântara (RS). Este tem por objetivo comparar três amostras da população do Município estudado, verificando a semelhança entre as mesmas em relação às espécies citadas, bem como estabelecendo as famílias botânicas com maior número de espécies e usos. Em relação a

Recebido para publicação em 12/09/2002 e aceito para publicação em 06/09/2002.

este último foi observada a existência ou não de concordância entre as amostras, quanto aos usos para os quais é empregado um maior número de espécies.

## MATERIAL E MÉTODO

O Município de Dom Pedro de Alcântara está situado no litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, na região sul do Brasil,



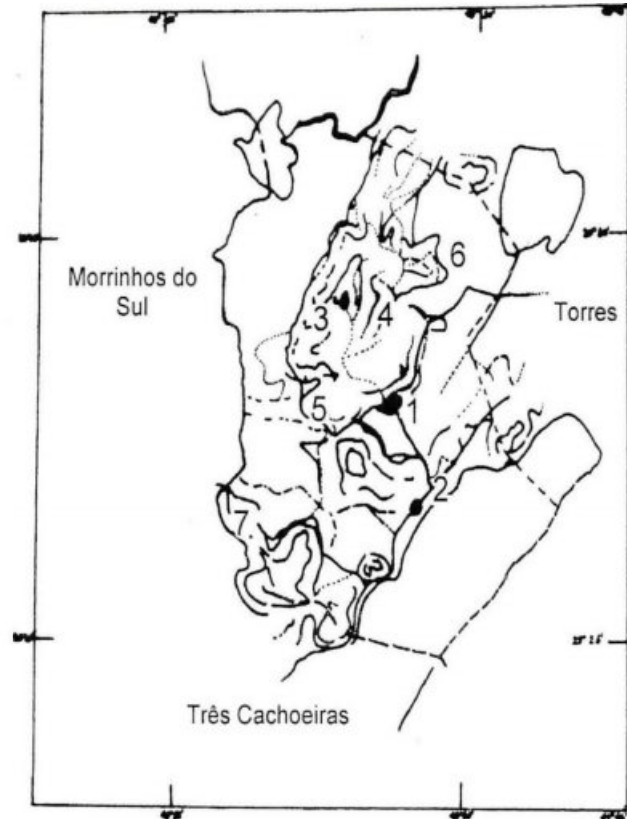
Regiões Fisiográficas do Estado:

1. Litoral
2. Depressão Central
3. Missões
4. Campanha
5. Serra do Sudeste
6. Encosta do Sudeste
7. Alto Uruguai
8. Campos de Cima da Serra
9. Planalto Médio
10. Encosta Inferior do Nordeste
11. Encosta Superior do Nordeste

**FIGURA 1** - Mapa do Estado do Rio Grande do Sul ( ↓ ) Localização do Município de Dom Pedro de Alcântara (Borges-Fortes, 1959 adaptado por Ritter *et al.*, 1992)

Os dados foram coletados no período de agosto de 1996 a dezembro de 1997. Nas áreas urbana e rural do Município, foram selecionadas para entrevistas as mulheres que detinham um maior conhecimento sobre o uso medicinal de espécies vegetais, sendo doze informantes na área urbana (amostra 1 – A1) e três de cada comunidade rural (amostra 2 – A2), perfazendo um total de 30 informantes. Também foram realizadas visitas num grupo (constituído por 8 senhoras) que organiza uma

compreendendo uma área de 91 km<sup>2</sup>, incluindo as seguintes comunidades, listadas por ordem decrescente de número de habitantes: (1) Dom Pedro de Alcântara (sede), (2) Porto Colônia, (3) Morro dos Leffa, (4) Arroio dos Mengue, (5) Canto dos Hilários, (6) Canto dos Lumertz e (7) Morro do Coco. Observe os mapas abaixo (Figuras 1, 2):



Comunidades do Município:

1. Dom Pedro de Alcântara (sede)
2. Porto Colônia
3. Morro dos Leffa
4. Arroio dos Mengue
5. Canto dos Hilários
6. Canto dos Lumertz
7. Morro do Coco

**FIGURA 2:** Mapa do Município de Dom Pedro de Alcântara, RS.

pequena farmácia caseira de plantas medicinais no Município (amostra 3 – A3), a fim de serem registradas as espécies vegetais, bem como seus usos medicinais, para estabelecer comparações com as demais amostras. Para estes registros foi utilizada, além dos dados obtidos, uma publicação elaborada pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Região de Torres (MMTR, 1997). Para avaliar a semelhança entre as amostras A1, A2 e A3, foi calculado o Índice de Similaridade

de acordo com Jaccard (Mueller-Dombois & Ellenberg, 1974), que demonstra a presença/ausência entre o número de espécies comuns em duas áreas e o número total de espécies, conforme fórmula abaixo:

$$IS_j = \frac{c}{a + b + c}$$

onde:

c – nº de espécies comuns

a – nº de espécies únicas na 1ª área

b – nº de espécies únicas na 2ª área

As coletas do material botânico foram realizadas no momento das entrevistas, com a obtenção das partes vegetativas e reprodutivas, quando possível, junto às casas das informantes ou em lugares próximos (Martin, 1995). Cada material foi herborizado, com o auxílio de prensa e jornal e catalogado conforme metodologia aplicada em taxonomia vegetal (Ming, 1996). Para a identificação das espécies foi utilizado microscópio estereoscópico "Zeiss aus Jena" e consulta à literatura especializada e ainda, quando necessário, consulta a especialistas. Posteriormente, o material foi incorporado ao herbário do Departamento de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ICN). Seguem abaixo os nomes dos botânicos responsáveis pela identificação de algumas espécies:

Botânico	Instituição	Família
Bruno E. Irgang	UFRGS	Euphorbiaceae e Polygonaceae
Lilian A. Mentz	UFRGS	Solanaceae
Mara R. Ritter	UFRGS	Asteraceae
Marcos Sobral	UFRGS	Myrtaceae
Nelson I. Matzenbacher	UFRGS	Asteraceae
Rosana M. Senna	UFRGS	Pteridaceae
Sérgio A. de L. Bordignon	ULBRA	Lamiaceae

Para as três amostras (A1, A2, A3), foram verificadas quais as famílias botânicas com maior número de espécies, segundo a classificação de Cronquist (1981) e Tryon & Tryon (1982); a abreviatura das famílias segue a proposta por Weber (1982). Também são apresentados os seguintes dados: nome científico, nome popular mais citado pelas informantes, origem das espécies conforme a literatura e a presença de cada uma destas nas amostras. Assim, foi possível verificar quais amostras são mais semelhantes entre si em relação às espécies presentes e o percentual, em cada amostra, de plantas nativas do Estado do Rio Grande do Sul, das americanas-cultivadas e das introduzidas de outros continentes. Nas amostras A1 e A2, a partir das plantas citadas por três ou mais informantes e que pelo menos entre duas destas informantes há concordância em relação aos usos, foi estabelecido para quais destes usos é

utilizado um maior número de plantas. Na amostra A3, com base na quantidade de espécies utilizadas para o tratamento de doenças e/ou sintomas, verificou-se os usos terapêuticos com maior número de plantas para tratá-los. Tanto em A1 e A2, como em A3 foram estabelecidas as famílias botânicas com maior número de usos.

## RESULTADO

As amostras da área urbana (A1) e rural (A2) do município são constituídas por moradoras, na maioria, mulheres com mais de 50 anos e que têm suas atividades relacionadas com o lar. Tanto na sede do município, como nas comunidades rurais, o aprendizado sobre o uso das plantas medicinais é passado de geração em geração. Já o grupo de senhoras (A3), que mantém uma farmácia caseira, apesar de também ser formado por mulheres do município com as mesmas características das amostras A1 e A2 em relação à idade e atividade, tem seu conhecimento sobre a preparação das plantas para fins medicinais a partir das informações contidas num manual (MMTR, 1997) elaborado por uma ex-freira, que reside em um município vizinho (Maquiné, RS). Neste são apresentadas receitas de tinturas, elixires e pomadas que não são mencionadas pelas informantes de A1 e A2.

Em relação ao número de espécies registrado em cada uma das amostras, foram verificadas 94 espécies em A1, 111 espécies em A2 e 61 espécies em A3 (Tabela 1). Nas amostras A1 e A2 foram levantadas 129 espécies, distribuídas em 50 famílias e 110 gêneros, com o maior número de representantes encontrados em Asteraceae (18 espécies) e Lamiaceae (14 espécies). Estas famílias também abrigam um maior número de usos, sendo 7 em Asteraceae e 6 em Lamiaceae. A partir das plantas citadas por três ou mais informantes, considerando as amostras A1 e A2 (total – 30 informantes), e que pelo menos entre duas destas informantes há concordância em relação aos usos, foi observado um número maior de plantas para o tratamento da "tosse" (n=10) e "estômago" (n=7). Já na amostra A3 (grupo de senhoras), foram citadas 61 espécies, distribuídas em 31 famílias e 59 gêneros, sendo Asteraceae (9 espécies) e Lamiaceae (7 espécies) as famílias com maior número de espécies citadas. Dos 64 usos citados nesta amostra, 13 referem-se a 6 ou mais plantas; a maioria das espécies citadas são indicadas para o tratamento das seguintes doenças e/ou sintomas: "rins" (n=9), "varizes" (n=9) e "feridas (cicatrizante)" (n=8). As famílias com maior número de usos coincidiram com as de maior quantidade de representantes, sendo elas, Asteraceae (9 espécies; 24 usos) e Lamiaceae (7 espécies; 33 usos).

Quanto à quantidade de espécies citadas em média por informante, foi obtido o seguinte resultado: amostras A1 e A2, com 27 e 22 espécies por informante, respectivamente. Já na amostra A3 foram citadas 59 espécies no total, pelas oito senhoras que constituem o grupo. Na comparação das amostras da área urbana (A1) e rural (A2) e do grupo de senhoras (A3) (Tabela 1), observou-se um número maior de espécies citadas na área rural. Este resultado pode estar relacionado com o maior número de informantes (n=18). Porém, a quantidade maior de pessoas entrevistadas indica apenas uma probabilidade de serem citadas mais plantas. Em relação ao caráter exclusivo das plantas, isto é, aquelas mencionadas somente em uma das amostras, também foi verificado que há um número maior em A2 com 17,4% (n=23), enquanto A1 apresenta 9,8% (n=13) e A3, 3,8% (n=5).

As amostras A1 e A2 possuem 37 espécies em comum, enquanto A1 e A3 e, A2 e A3 têm 5 e 12 espécies, respectivamente; há registros de 37 plantas que ocorrem nas três amostras. A similaridade entre as amostras, calculada pelo índice de Jaccard, mostra que as

amostras A1 e A2 são mais semelhantes entre si, com índice de 0,5. Entre A1 e A3 o índice é de 0,2 e entre A2 e A3 é de 0,3. A maior semelhança entre as amostras da área urbana (A1) e rural (A2) pode ser relacionada com a procedência do conhecimento das entrevistadas, através das relações familiares. Já as informações do grupo de senhoras da farmácia caseira (A3) tem por base as informações passadas pela ex-freira acima mencionada.

Em relação à origem das espécies de cada uma das amostras (A1, A2, A3) foi verificado que, no grupo de senhoras (A3) há uma maior concentração de espécies nativas do Rio Grande do Sul (N=47,4%; 28 espécies). Enquanto nas amostras da área urbana (A1) e rural (A2) predominaram as introduzidas de outros continentes, respectivamente com 51,1% (47 espécies) e 50,4% (55 espécies). As espécies de origem americana, mas cultivadas no Estado, apresentaram percentuais semelhantes nas três amostras, A1 – 9,8% (9 espécies), A2 – 8,2% (9 espécies) e A3 – 10% (6 espécies) (Figura 3).

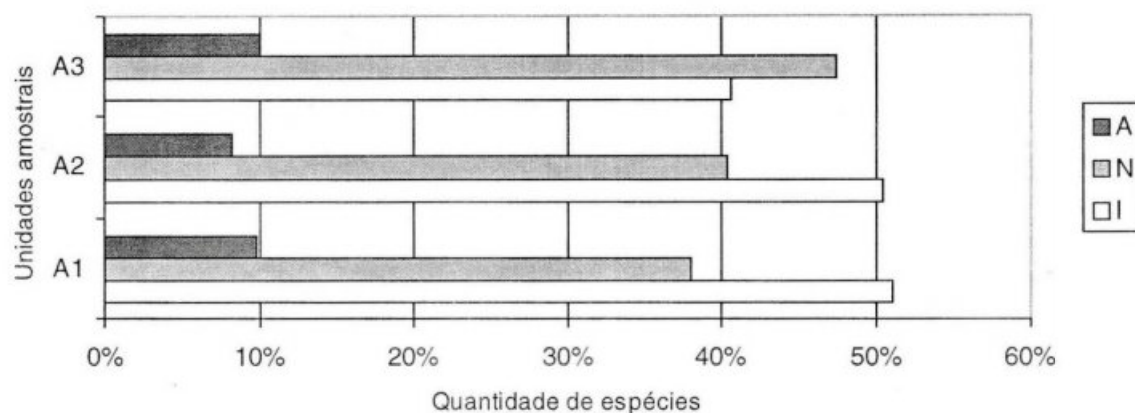
**TABELA 1** - Presença/ausência das espécies amostradas na área urbana (A1), rural (A2) e grupo de senhoras (A3), com suas respectivas origens (O.=origem/referências consultadas: A=americana-cultivada, I=introduzida de outros continentes, N=nativa do Estado do Rio Grande do Sul; Fam.=família, abreviatura segundo Weber (1982); A1=amostra da área urbana, A2=amostra da área rural, A3=amostra do grupo de senhoras; 1=presença da espécie, 0=ausência da espécie).

O.	Nome científico	Fam.	Nome popular	A1	A2	A3
I	<i>Achillea millefolium</i> L.	AST	infalivina	1	1	1
N	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	AST	marcela	1	1	0
N	<i>Adiantum raddianum</i> Presl.	PTR	avenca	1	1	0
I	<i>Allium sativum</i> L.	LIL	alho	1	1	1
I	<i>Allium schoenoprasum</i> L.	LIL	cebolinha	0	1	0
I	<i>Aloe arborescens</i> Mill.	LIL	babosa	1	1	1
A	<i>Aloysia citrodora</i> Palau	VRB	cidrô	1	1	0
N	<i>Aloysia gratissima</i> (Gill et Hook.) Tronc.	VRB	erva-de-santa-maria	1	1	1
A	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Ktze.	AMA	meracilina, penicilina	1	1	1
N	<i>Alternanthera ficoidea</i> (L.) R.Br.	AMA	anador	1	1	0
-	<i>Amaranthus blitum</i> L.	AMA	caruru	1	0	1
I	<i>Anethum graveolens</i> L.	API	endro	1	1	0
N	<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	ARS	cipó-mil-homens	0	1	1
I	<i>Artemisia absinthium</i> L.	AST	losna	1	1	1
N	<i>Bauhinia forficata</i> Link. subsp. <i>pruinosa</i> (Vog.) Fortun. et Wund.	CSL	pata-de-vaca	1	1	1
N	<i>Bauhinia microstachya</i> (Raddi) Macbride	CSL	pata-de-vaca	0	1	0
N	<i>Bidens pilosa</i> L.	AST	picão	1	1	0

N	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	NYC	erva-tostão	1	0	1
I	<i>Brassica oleracea</i> L.	BRA	couve	1	1	0
I	<i>Bryophyllum pinnatum</i> Kurz.	CRS	folha-da-fortuna	0	1	1
N	<i>Calea serrata</i> Less.	AST	quebra-tudo	0	1	0
I	<i>Calendula officinalis</i> L.	AST	calêndula	1	1	1
N	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	FLC	chá-de-bugre	1	1	1
I	<i>Centaurea</i> sp.	AST	cardo-dos-santos	0	1	0
N	<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Pol.	AST	dente-de-leão	0	1	0
I	<i>Chelidonium majus</i> L.	PAP	iodina	0	1	0
I	<i>Chrysanthemum leucanthemum</i> L.	AST	margarida	0	0	1
I	<i>Chrysanthemum parthenium</i> (L.) Bernh.	AST	artemisia	0	1	0
N	<i>Chrysophyllum marginatum</i> subsp. <i>marginatum</i> (Hook. & Arn.) Radlk.	SAP	chá-de-murta	0	1	0
I	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	LAU	canela	0	1	1
I	<i>Citrus aurantium</i> L.	RUT	laranjeira-azeda	0	1	0
I	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	RUT	bergamoteira-comum	1	1	0
I	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	RUT	laranjeira-comum	1	1	0
I	<i>Coffea arabica</i> L.	RUB	cafezeiro	1	1	0
N	<i>Cordia bifurcata</i> Roem. et Schult.	BOR	erva-baleeira	0	1	0
N	<i>Cordia curassavica</i> (Jacq.) Roem. et Schult.	BOR	erva-baleeira	0	0	1
N	<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	BRA	mestruz	1	1	1
I	cf. <i>Cotyledon orbiculata</i> L.	CRS	bálsamo	1	1	1
I	<i>Cucumis melo</i> L.	CUC	melão	1	0	0
N	<i>Cunila microcephala</i> Benth.	LAM	poejo	1	1	1
N	<i>Cuphea calophylla</i> Cham. et Schl. subsp. <i>mesostemon</i> (Koehne) Lourt.	LYT	sete-sangrias	1	1	0
-	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) Macbride	LYT	sete-sangrias	0	1	0
I	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	POA	cana-cidreira	1	1	0
I	<i>Cynara scolymus</i> L.	AST	alcachofra	1	1	1
N	<i>Desmodium incanum</i> DC.	CSL	capim-rasteiro	0	1	0
N	<i>Dichorisandra thyrsoiflora</i> Mik.	CMM	cana-do-brejo	1	1	1
N	<i>Diodia alata</i> Nees et Mart.	RUB	erva-lagarta	1	1	0
N	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. et Schl.) Micheli	ALI	chapéu-de-couro	0	1	1
N	<i>Equisetum giganteum</i> L.	EQU	cavalinha	1	0	0
I	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	ROS	ameixeira	1	1	0
I	<i>Eucalyptus</i> sp.	MRT	eucalipto	1	1	1
N	<i>Eugenia uniflora</i> L.	MRT	pitangueira	1	1	1
N	<i>Euphorbia prostrata</i> Ait.	EUP	quebra-pedra	1	1	0
I	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	API	funcho	1	1	1

6	I	<i>Fragaria vesca</i> L.	ROS	moranguinho	1	0	0
	N	<i>Gomphrena holosericea</i> (Mart.) Moq.-Tandon	AMA	cipó-prata	1	1	0
	I	<i>Lavandula</i> sp.	LAM	alfazema	0	1	0
	N	<i>Leandra australis</i> (Cham.) Cogn.	LAM	pixirica	0	1	1
	I	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	LAM	erva-de-santos-filhos	0	1	1
	A	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	VRB	sálvia	1	1	1
	N	<i>Luehea divaricata</i> Mart. et Zucc.	TIL	açoita-cavalo	1	1	1
	I	<i>Malva silvestris</i> L.	MLV	malva	1	1	1
	I	<i>Mangifera indica</i> L.	ANA	manga	0	1	0
	I	<i>Marrubium vulgare</i> L.	LAM	gervão-branco	1	0	0
	I	<i>Matricaria recutita</i> L.	AST	camomila, maçanilha	1	1	0
	N	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reiss.	CEL	espinheira-santa	0	1	1
	I	<i>Melia azedarach</i> L.	MEL	cinamomo	1	1	0
	I	<i>Melissa officinalis</i> L.	LAM	erva-cidreira	1	1	0
	I	<i>Mentha</i> sp.	LAM	hortelã	1	1	1
	N	<i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. & Fisch.) Copel.	PLP	cipó-cabeludo	0	0	1
	N	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker	AST	guaco	1	1	1
	I	<i>Morus alba</i> L.	MOR	amoreira	0	1	0
	N	<i>Muehlenbeckia sagittifolia</i> (Ort.) Meissn.	PLG	salsaparrilha	1	1	1
	I	<i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	BRA	agrião	1	1	1
	I	<i>Nerium oleander</i> L.	APO	espírradeira	1	0	0
	I	<i>Ocimum basilicum</i> L.	LAM	alfavaca	1	1	0
	I	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	LAM	cravo	1	0	0
	N	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	LAU	canela-sassafrás	0	0	1
	I	<i>Origanum x applii</i> (Domin) Boros	LAM	manjerona	1	1	1
	A	<i>Passiflora alata</i> Dryander	PAS	maracujá	1	0	0
	N	<i>Passiflora edulis</i> Sims	PAS	maracujá	0	1	1
	I	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hérit.	GER	malva-cheirosa	1	1	0
	I	<i>Pelargonium odoratissimum</i> (L.) Ait.	GER	malva-cheirosa	1	1	0
	A	<i>Persea americana</i> Mill.	LAU	abacateiro	1	1	1
	I	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) A.W.Hill	API	salsa	1	1	0
	N	<i>Phoradendron linearifolium</i> Eichl.	LOR	erva-de-passarinho	0	1	0
	A	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	EUP	quebra-pedra	1	1	1
	N	<i>Plantago australis</i> Lam.	PTG	orelha-de-burro, tansagem	1	1	1
	I	<i>Plantago major</i> L.	PTG	tansagem	1	1	0
	I	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	LAM	boldo	1	1	1
	N	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	PLG	erva-de-bicho	1	0	0
	N	<i>Polygonum punctatum</i> Eill.	PLG	erva-de-bicha	0	1	1
	N	<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	PIP	pariparoba	0	1	0
	I	<i>Prunus persica</i> L.	ROS	pessegueiro	1	1	0
	N	<i>Psidium cattleianum</i> Sab.	MRT	araçá	1	0	0

A	<i>Psidium guajava</i> L.	MRT	goiabeira	1	1	0
N	<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn	DST	samambaia	1	1	0
I	<i>Punica granatum</i> L.	PUN	romã	0	1	0
I	<i>Ricinus communis</i> L.	EUP	mamona-branca	0	1	1
I	<i>Rosa</i> sp.	ROS	rosa-branca	1	1	0
I	<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.	ROS	rosa-vermelha	1	1	0
I	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	LAM	alecrim	1	1	1
I	<i>Ruta cf. graveolens</i> L'Hérit.	RUT	arruda	0	1	0
I	<i>Ruta chalepensis</i> L.	RUT	arruda	0	1	1
I	<i>Saccharum officinarum</i> L.	POA	cana-de-açúcar	0	1	0
I	<i>Salix babylonica</i> L.	SAL	chorão, salseiro	1	0	0
A	<i>Salvia microphylla</i> H.B.K.	LAM	melissa	0	1	0
N	<i>Sambucus australis</i> Cham. et Schl.	CPR	sabugueiro	1	1	1
I	<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd.	AGA	espada-de-são-jorge	1	0	0
N	<i>Sechium edule</i> Sw.	CUC	chuchu	1	1	0
N	<i>Senna bicapsularis</i> (L.) Roxb.	CSL	sena, sene	1	0	1
N	<i>Sida rhombifolia</i> L.	MLV	guanxúma	1	1	0
N	<i>Solanum americanum</i> Mill.	SOL	erva-moura, pé-de-galinha	0	1	1
N	<i>Solanum paniculatum</i> L.	SOL	jurubeba	1	0	1
N	<i>Solanum variabile</i> Mart.	SOL	espinho-vermelho	0	1	0
I	<i>Solenosten scutellarioides</i> (L.) Codd.	LAM	muçurum	1	0	1
I	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	AST	serralha	1	0	0
N	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (L.C.Rich.) Vahl	VRB	gervão-roxo	1	1	1
I	<i>Symphytum officinale</i> L.	BOR	confrei	1	1	1
I	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	MRT	jambolão	1	1	1
I	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	AST	palma-crespa	1	1	0
I	<i>Taraxacum officinale</i> Weber	AST	dente-de-leão	1	1	0
N	<i>Tibouchina urvilleana</i> (DC.) Cogn.	MLS	buscopan	1	1	0
N	<i>Tillandsia usneoides</i> (L.) L.	BRM	barba-de-pau	0	0	1
A	<i>Tradescantia zebrina</i> Hort. ex Loud.	CMM	onda(s)-do-mar	1	1	1
N	<i>Tripodanthus acutifolius</i> (Ruiz et Pav.) Tiegh.	LOR	erva-de-passarinho	1	0	0
N	<i>Vernonia tweediana</i> Baker	AST	assa-peixe	1	1	0
N	<i>Wedelia paludosa</i> DC.	AST	arnica	1	1	1
A	<i>Zea mays</i> L.	POA	milho	1	1	1
I	<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	ZIN	gengibre	1	1	0
Total de Espécies				92	109	59



**FIGURA 3** - Origem das espécies amostradas nas áreas urbana (A1), rural (A2) e grupo de senhoras (A3) (A=americana-cultivada, I=introduzida de outros continentes, N=nativa do Estado do Rio Grande do Sul).

A comparação dos resultados de A1 e A2 em relação ao de A3 permite inferir que: (1) Asteraceae e Lamiaceae são as famílias com maior número de representantes, bem como de usos, (2) a maioria dos gêneros é representada por poucas espécies, (3) há concordância entre as amostras A1 e A2, mas não destas em relação a A3 quanto aos usos que apresentam maior número de espécies recomendadas.

## DISCUSSÃO

As famílias Asteraceae e Lamiaceae ocupam as primeiras posições nos levantamentos feitos na Região Sul do Brasil (Pagliarini, 1995; Kubo, 1997; Magalhães, 1997; Pagliarini-Grams & Cervi, 1999). Em relação à primeira, Brito & Brito (1993) também constataram um maior número de representantes. Do mesmo modo, Giberti (1983), em seu estudo no Noroeste Argentino, obteve o maior grupo de espécies pertencente à família Asteraceae.

Em relação aos usos para os quais são empregados um maior número de espécies, Amorozo & Gély (1988) verificaram percentual elevado para gripe, tosse e resfriado, assim como Mengue *et al.* (1991) em relação a este último. Já Kubo (1997) observou um maior número para doenças do aparelho digestivo, seguido do aparelho respiratório; em relação às primeiras Magalhães (1997) obteve o mesmo resultado.

As amostras A1 e A2 são mais semelhantes entre si, quanto às espécies presentes, fato que está relacionado com a procedência do conhecimento dos entrevistados, que são todos moradores do Município. Na amostra da área rural (A2) o número de espécies exclusivas foi maior em relação à área urbana (A1) e o grupo de senhoras (A3), fato que pode estar relacionado com o maior número de informantes nesta área. Na amostra A3 o número de espécies nativas foi maior do que em A1 e A2. As famílias Asteraceae e Lamiaceae foram

igualmente as mais citadas. Em relação aos usos para os quais é empregado um maior número de plantas para o tratamento de doenças e/ou sintomas há concordância entre as amostras A1 e A2, mas não entre estas e A3.

## AGRADECIMENTO

Às informantes do Município de Dom Pedro de Alcântara, que dedicaram parte de seu precioso tempo para colaborarem com a realização deste trabalho. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida. Aos taxonomistas Bruno Edgar Irgang, Nelson Ivo Matzenbacher, Lilian Auler Mentz, Mara Rejane Ritter, Sérgio Augusto de Loreto Bordignon, Rosana Maria Senna e Marcos Sobral pelo auxílio na determinação de algumas espécies. Aos funcionários da biblioteca e do herbário do Departamento de Botânica da UFRGS pela ajuda prestada. Ao Prof. Carlos Fernando Hoerlle Filho pela elaboração do "Abstract". Ao técnico em Informática Jander Rama pela elaboração dos mapas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALICE, C.B., SIQUEIRA, N.C.S., MENTZ, L.A. et al. **Plantas medicinais de uso popular** : atlas farmacognóstico. Canoas: Ed. da ULBRA, 1995. 205p.
- AKERELE, O. Medicinal plants and primary health care: an agend for action. **Fitoterapia**, v.59, n.5, p.355-63, 1988.
- AKERELE, O. Programa OMS de medicina tradicional: progresos y perspectivas. **Crônica de la OMS**, v.38, n.2, p.83-8, 1984.
- AMOROZO, M.C.M., GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por cablocos do baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Botânica**, v.4, n.1, p.47-131, 1988.

- ARGÜELLO, S. Creencias tradicionales y uso de plantas medicinales. In: RÍOS, M., PEDERSEN, H. B. (Eds.) **Las plantas y el hombre**. Quito: Ediciones ABYA-YALA, 1994. p.199-210.
- BRITO, A.R.M.S., BRITO, A.A.S. Forty years of Brazilian medicinal plant research. **Journal of Ethnopharmacology**, v.39, n.1, p.53-67, 1993.
- CABALLERO, J. Etnobotánica y desarrollo: la búsqueda de nuevos recursos vegetales. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE BOTÂNICA, SIMPOSIO DE ETNOBOTÂNICA, 4, 1986, Medellín. **Memórias . . .** Bogotá: Guadalupe, 1987. p.79-96.
- CRONQUIST, A. **An integrated system of classification of flowering plants**. New York: Columbia University, 1981. 1262p.
- D'ÁVILA, M.C. **Da flora medicinal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1910. 155p. Tese (Livro Docência) – Faculdade de Medicina e Pharmacia de Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul.
- GIBERTI, G.C. Herbal folk medicine in Northwestern Argentina: compositae. **Journal of Ethnopharmacology**, v.7, p.321-41, 1983.
- KUBO, R. R. **Levantamento das plantas de uso medicinal em Coronel Bicaco, RS**. Porto Alegre, 1997. 163p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LUTZENBERGER, L.C. **Revisão da nomenclatura e observações sobre as angiospermas citadas na obra de Manuel Cypriano D'Ávila: "Da flora medicinal do Rio Grande do Sul"**. Porto Alegre, 1985. 223p. Monografia (Bacharelado em Botânica) – Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MAGALHÃES, R.G. **Plantas medicinais na Região do Alto Uruguai. Conhecimentos de José Martins Fiusa, Sarampião**. Porto Alegre, 1997. 172p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MARODIN, S. M. **Plantas utilizadas como medicinais no Município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2000. 413p. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MARTIN, G. J. **Ethnobotany : a 'people and plants' conservation manual**. London: Chapman & Hall, 1995. 268p.
- MENGUE, S.S., MENTZ, L. A., LIMA, J.A. *et al.* Utilização de chás e suas indicações por um grupo populacional de Porto Alegre. **Caderno de Farmácia**, v.7, p.D1-D3, 1991.
- MING, L.C. Coleta de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.) **Plantas medicinais: arte e ciência**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1996. p.69-86.
- MORS, W.B. Plantas medicinais. **Ciência Hoje**, v.3, p.14-9, 1982.
- MOVIMENTO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS – MMTR. **Manual das bruxinhas de Deus**. Torres: MMTR, 1997. 29p.
- MUELLER-DOMBOIS, D., ELLENBERG, H. **Aims and methods of vegetation ecology**. John Wiley & Sons: New York, 1974. 547p.
- PAGLIARINI, W.F.W. **Levantamento das plantas de uso medicinal no Distrito de Ribeirão da Ilha, Florianópolis, SC**. Florianópolis, 1995. 99p. Monografia (Bacharelado) – Curso de Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- PAGLIARINI-GRAMS, W.F.W., CERVI, A.C. Plantas medicinais de uso popular em três distritos da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 50, 1999, Blumenau. **Resumos ...** Blumenau: Sociedade Nacional de Botânica/FURB, 1999. p.288.
- RITTER, M.R., BAPTISTA, L.R. M., MATZENBACHER, N.I. Asteraceae – Gênero *Mikania* Willd – Secções *Globosae* e *Thyrsigerae*. **Boletim do Instituto de Biociências, Botânica**, n.50, p.1-90, 1992.
- SANTOS, M.A.C. **Potencial anticarcinogênico da flora medicinal: definição de estratégias para seleção de espécies**. Porto Alegre, 1998. 128p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SCHENKEL, E.P., SIMÕES C.M.O., MENGUE, S.S. *et al.* O espaço das plantas medicinais e suas formas derivadas na medicina científica. **Caderno de Farmácia**, v.1, n.2, p.65-72, 1985.
- SCHULTES, R. E. Ethnopharmacological conservation: a key to progress in medicine. **Opera Botânica**, v.92, p.217-24, 1987.
- SIMÕES, C.M.O., MENTZ, L.A., SCHENKEL, E. P. *et al.* La connaissance des vendeurs ambulants de plantes medicinales dans la zone urbaine de la ville de Porto Alegre – RS – Brésil: une etude ethnobotanique et ethnopharmacologique. In: COLLOQUE EUROPÉEN D'ETHNOPHARMACOLOGIE, 1, 1990, Metz. **Actes...** Metz: Société Française D'Ethnopharmacologie, 1990. p.187-88.
- SIMÕES, C.M.O., MENTZ, L.A., SCHENKEL, E. P. *et al.* **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995. 173p.
- SOUZA, G.P.C. de. **Estudo etnobotânico da família Lamiaceae no Rio Grande do Sul, com ênfase na busca de espécies com propriedades anticonvulsivantes**. Porto Alegre, 1997. 167p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- TRYON, R. M., TRYON, A. F. **Ferns and allied plants with special reference to tropical America**. New York: Springer, 1982. 857p.
- WEBER, W.A. Mnemonic three-letter acronyms for the families of vascular plants: a device for more effective herbarium curation. **Taxon**, v.31, n.1, p.74-88, 1982.